

UMA DESCONHECIDA EPOPÉIA INDIANISTA

DAVID T. HABERLY

A posição central do indianismo na história da nacionalização do verso no Brasil é já indiscutível. Contudo, apesar da importância desse movimento, há de fato muito poucos textos indianistas. A fragmentária "Epopéia Americana" de Luís Delfino dos Santos tem, porém, ficado quase desconhecida, não entrando nem nas antologias nem nos estudos do indianismo brasileiro. Esse esquecimento é bem compreensível, já que só quinze estrofes do poema apareceram, num livro póstumo do poeta catarinense publicado em 1940. (1)

Graças à bondade da família de Luís Delfino, eu tive a oportunidade de transcrever os fragmentos existentes da obra incompleta dos manuscritos que ele deixou (2). Publico-os agora, apenas modernizando a ortografia, com uma breve introdução à vida do poeta e uma primeira tentativa de explicar e avaliar a obra.

Luís Delfino dos Santos nasceu em Destêrro (hoje Florianópolis) em 25 de Agosto de 1834. Formou-se em medicina no Rio, em 1857, e lá abriu uma clínica, especializando-se em moléstias femininas. Segundo a tradição da família, Delfino escrevia poesia quando ainda menino, mas os primeiros versos que publicou datam de 1852. Menos de uma dúzia dos seus poemas apareciam, na década seguinte, em jornais e revistas cariocas, mas o jovem rapidamente conquistou uma formidável reputação literária.

Tinha, primeiro, uma capacidade assombrosa para a assimilação (se não, às vezes, a imitação) de qualquer estilo poético, do romantismo de Gonçalves

1. Estrofes 80 a 94 do texto apresentado aqui apareceram no *Esbôço da Epopéia Americana*. Rio, Irmãos Pongetti, 1939.
2. Agradeço a ajuda da neta do poeta, Sra. Cordélia Delfino Amorim de Lima, que me permitiu estudar e transcrever os manuscritos.

de Magalhães até o abolicionismo condoreiro. Além disso, o médico sóbrio e trabalhador, na época de Alvares de Azevedo, Junqueira Freire, e tantos outros talentos jovens, deve ter agradado muito os donos velhos e bastante conservadores da poesia brasileira. Assim, em 1862, Luís Delfino apareceu entre os "Redatores e Colaboradores" da *Revista Popular* do Rio, elevado ao nível de figuras como Herculano, Castilho, Pôrto-Alegre, Gonçalves Dias, Macedo e Varnhagen (3). E jovens esperançosos já procuravam Delfino; J. A. Teixeira de Melo lhe escreveu, em 1859, uma carta de apresentação para um tal "Machado Assis [sic]" (4).

Delfino, porém, não se preocupava com a fama literária que tão facilmente conseguiu. Definia a profissão do poeta puramente em termos do momento de criação artística, atitude altamente romântica que duraria por toda sua vida. Passado aquele momento de êxtase, de contato entre a alma e o além, Delfino não se interessava muito pelo destino das obras assim produzidas. Quando, em 1862, alguns dos seus clientes ameaçavam não confiar mais as espôsas e as filhas a um médico que escrevia poesia cheia de erotismo, visões mórbidas e até abolicionismo, Delfino abandonou sem pesar a publicação de seus versos.

Durante 17 anos de silêncio poético, Luís Delfino se fez rico e respeitado (5). Sempre "grave, elegante e importante (...) de sobrecasaca abotoada, chapéu alto, luvas de pelica negra, impecável, sem uma poeira e sem uma ruga" (6), chegou a ser "mais capitalista do que médico: possui bons prédios e grandes estalagens. É um homem rico. É o caso único de um poeta rico em todo o Brasil!" (7). Mas Delfino continuava a cultivar as musas, em segredo. Escrevia muito rapidamente, quase sem pensar, e as poesias saíam às centenas. Não fazia seleção, raramente emendava, e guardava tudo que produzia num velho armário de jacarandá, o bom ao lado do ruim, o indianismo ao lado do condoreirismo.

Seguro na riqueza e na posição social, Delfino voltou ao mundo literário em 1879, publicando "Solemnia Verba" nas páginas da *Revista Brasileira* (8). Essa homenagem medíocre e pesada à república liberal na Espanha não despertou muita atenção, mas um grupo dos chamados "novos" (Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Artur Barreiros e alguns outros) começavam a cultivar o poeta velho (9). Louvavam as obras inéditas que êle recitava, gri-

3. A *Revista Popular*, vol. 4, n.º 13, Rio de Janeiro, 1862.

4. Duma carta inédita, datada em 29 de Julho de 1859, na biblioteca da Sra. Delfino Amorim de Lima.

5. Delfino só quebrou o silêncio uma vez, com a publicação de «Aquidaban», poesia patriótica sobre a guerra paraguaiá, no «Diário do Rio de Janeiro» do dia 2 de Maio de 1870.

6. De um artigo anônimo sobre a morte do poeta na «Gazeta de Notícias» do Rio, 1 de Fevereiro de 1910.

7. Silvio Romero, *Estudos de Literatura Contemporânea*. Rio, Laemmert, 1885, p. 235.

8. N.º 1, Rio de Janeiro, Junho de 1879, pp. 290-304.

9. Valentim Magalhães, «Luís Delfino». A *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 de Abril de 1884.

tando e gesticulando de maneira quase cômica (10). Delfino, por sua parte, assimilou mais um estilo poético, publicando um punhado de sonetos das revistinhas da nova geração, da qual já era o "patriarca indiscutível e indiscutido" (11).

A *Semana*, revista dos novos, em 1885 solicitava os votos dos leitores para "O Maior Poeta do Brasil" (12). A chapa da *Semana* era Luís Delfino, cuja grandeza era cantada numa série de artigos, mas os leitores não concordaram. Gonçalves Dias ganhou, seguido por Castro Alves; mas Delfino, no terceiro lugar, pelo menos foi proclamado "o maior poeta vivo do Brasil". Esse, porém, não gostava da polêmica, e retirou-se outra vez da vida literária. Mandava centenas de poesias a jornais e revistas, mas quase nunca passou pelos cafés e livrarias da Rua do Ouvidor, e nunca quis publicar os versos em volume.

Já antes de 1890, Delfino abria a casa a uma nova geração de escritores, quase todos do Sul. Virgílio Várzea, Emiliano Pernetta, Nestor Vitor e o trágico Cruz e Sousa recebiam ajuda do poeta, publicavam algumas poesias dele nos jornais onde trabalhavam, e chegaram a proclamá-lo o seu patriarca. Era obviamente impossível ser simultaneamente o patriarca do Parnasianismo e do Simbolismo, e aqueles se vingavam da infidelidade do poeta. Apesar duma defesa vigorosa por parte do melhor amigo, Alberto de Oliveira, Luís Delfino foi excluído da Academia Brasileira das Letras porque não tinha livro publicado. Os simbolistas reagiram, procurando repetir a tática da geração anterior, e em 1898 publicamente declararam Delfino o "Príncipe dos Poetas Líricos do Brasil". O velho quase não aceitou "a coroa simbólica de carvalho com bagos de ouro", e depois da homenagem recusava participar mais nas polêmicas dos dois grupos de amigos (13).

Ainda escrevia constantemente, porém, produzindo mais de quinhentos sonetos entre 1897 e 1910, mas sempre publicando-os em jornais, nunca num livro. Embora quase desconhecido, o culto de Delfino chegou a tal ponto que Silvio Romero o classificou, em 1900, como "o maior poeta do Brasil" (14). E quando Delfino morreu, no dia 31 de janeiro de 1910, foi elogiado por todo o Brasil, aceito como um dos talentos mais importantes por críticos que só se lembravam de uma e outra linha bonita de obras há muito enterradas no pó de jornais velhos. Sem a base sólida de uma obra acessível, toda a fama superficial rapidamente evaporou-se. Quando a família do poeta finalmente conseguiu reunir e publicar, em treze volumes, menos de oitenta por cento

10. Carlos D. Fernandes descreveu as recitações de Delfino num artigo, «Luís Delfino», publicado n' *O País*, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1926, p. 2.

11. Carlos de Laet, «Microcosmo». *O Jornal do Comércio*, 3 de maio de 1885.

12. *A Semana*, vol. 1, n.º 15. Rio de Janeiro, 11 de Abril de 1885. Já descrevi concurso com mais detalhes em «Luís Delfino and the Parnassian Revolution», *The Luso-Brazilian Review*, Vol. 6, n.º 2. Madison Wisconsin, Dezembro de 1969, pp. 44-54.

13. «Notas a lápis», *O Monitor Campista*, 8 de fevereiro de 1910.

14. *O Livro do Centenário*, III. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1900, p. 71.

da obra desorganizada e esparsa que Delfino deixou, a formidável reputação que durara mais de meio século já não existia mais.

A influência de Gonçalves Dias levou Luís Delfino para o indianismo. "A virgem da floresta", escrita em 1853, refletia o "Canto do índio"; "A origem das nuvens", de 1854, pretendia imitar até os anapestos do "Gigante de pedra" (15). Conta-se, ainda, que o jovem catarinense levou uns manuscritos à casa do mestre; Gonçalves Dias estava tomando banho quando lhe entregaram os papéis, mas saiu momentos depois, gotejando e gritando "Temos um poeta! Temos um poeta!" (16).

Parece que Delfino só queria, nesses poemas indianistas, ensaiar mais um estilo e agradar algumas das figuras mais poderosas da vida literária. Ele deixou o gênero durante anos, retomando-o para começar a "Epopéia Americana". Desconhecemos a data exata desta obra incompleta, mas todos os dados — a caligrafia dos originais, a madureza das idéias e do estilo em cotejo com outras poesias de data certa — indicam a época entre 1865 e 1875.

Planejar uma epopéia, porém, não é acabá-la. Delfino era sempre capaz de imaginar obras ousadas e grandiosas, mas era igualmente um poeta de vôo curto, um sonetista que só descobriu a vocação depois de 1881. Passado o momento de entusiasmo e composição rápida, Delfino se confessou incapaz de continuar com a obra (Estrofe 127). Botou os fragmentos no armário, e os esqueceu durante décadas.

Muito tempo depois, provavelmente entre 1890 e 1900, o poeta descobriu alguns elementos da obra incompleta, explicando numa nota manuscrita que "o que escrevera sobre este ensaio de — Epopéia Americana — eu julgara completamente perdido. Achando alguns fragmentos, publico-os à medida que os vou tendo à mão. É possível que eu possa achar o todo homogêneo que o compõe, os intervalos ficarão preenchidos, e o sentido da obra começada completo, pelo menos no que escrevi". Mas o poema ficava esparso e inédito. Depois da morte do poeta, o filho — Tomás Delfino — finalmente conseguiu reunir todos os fragmentos existentes, mas publicou só quinze estrofes da obra.

Agora, porém, podemos ter uma idéia da epopéia fragmentária. Delfino começa com a apresentação duma figura singular, o Velho. Este se refugia duma pororoca nas fôlhas duma palmeira, e dali observa um grupo de índios. As águas arrebatam a Virgem-filha do cacique, noiva do Guerreiro, e a mulher mais bela do mundo americano. O Velho consegue apanhar o corpo morto dela, levando-o por perigos enormes através do rio Amazonas. Chega,

15. «A virgem» apareceu na *Revista Popular do Rio*, vol. 3, n.º 9, 1861, pp. 55-57, e nunca foi reeditada. «A Origem não foi publicada na época, mas aparece no póstumo *Poesias Líricas*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1934, pp. 23-38.

16. Essa anedota, que Delfino gostava de contar à família, me foi transmitida pela Sra. Cordélia Delfino Amorim de Lima.

finalmente, a um lugar predeterminado, e lá prepara um leito de fôlhas para receber o corpo, pintando a beleza morta para fazê-la parecer ainda viva. Um sabiá canta a morte daquela beleza, daquele mundo. O Guerreiro vem, seguido pela tribo, e êle grita contra o destino cruel que lhe roubou o amor e o futuro, até procurando matar os deuses que controlam as fôrças naturais. Os índios preparam as exéquias, o Velho entra para servir de Pajé, e o poema pára.

Essa "Epopéia Americana" tem alguns aspectos bem interessantes em comparação com outras obras indianistas. Notamos primeiro a quase completa desnacionalização do indianismo, tendência que se vê em certas obras de Gonçalves Dias (o uso da palavra *manitô*, por exemplo), mas que aqui chega ao máximo, num poema não brasileiro mas americano. O único elemento especificamente brasileiro na epopéia delfinista é o uso de um punhado de vocábulos de origem tupi, palavras às vêzes ou mal empregadas ou mal escritas.

O papel da Natureza aqui é também muito diferente. Nas outras obras do indianismo, encontramos quase sempre um tipo de balanço ecológico entre o índio e seu ambiente, uma relação de iguais que convivem. No poema de Delfino, porém, a Natureza é quase sempre inimiga, perseguindo a vida humana e, como veremos, conseguindo destruí-la.

Se os índios no poema já não podem controlar as fôrças naturais que os cercam, o poeta mesmo é igualmente incapaz de dominar a Natureza nos seus versos. Na grande maioria de obras indianistas, a Natureza só serve para situar a ação dentro de determinada região e para criar um fundo bonito e mais ou menos realista para a ação humana, para a guerra e o amor. Delfino, ao contrário, muitas vêzes se deixa levar por repetitivas e prosaicas descrições da Natureza, quase esmagando os poucos momentos de ação: o Velho mata a onça, por exemplo, dentro duma linha (estrofe 52).

Dentro dêste mundo índio ao mesmo tempo medroso e impotente — visão bem parecida com a de Claude Lévi-Strauss — vemos só três figuras importantes. Figuras misteriosas, abstrações quase anônimas e não os índios de carne e osso que outros poetas pretendiam criar. Há um Guerreiro, mas a guerra — tema principal da maior parte das epopéias indianistas — aqui não existe. Há uma Virgem que é noiva, mas tampouco existe o amor humano, natural — substituído pela adoração impotente e até perversa dum corpo morto e frio.

O Guerreiro é o mais tradicional dos três, e tem até nome próprio, Guaraci. Mas é ainda uma figura sôbre-humana, uma lenda em tôda a América e agora transformada num "Ser à parte, estranho, Vertiginoso, colossal" pela perda do amor. A Virgem, que só vemos depois de morta, é descrita com

grande cuidado, mas os detalhes, surpreendentes às vèzes, talvez sejam menos eróticos do que científicos, feitos por um especialista em moléstias femininas. Essa minuciosidade coexiste, porém, com o mistério. A Virgem é igualmente um ser à parte: a mulher mais bela da América índia, mas uma mulher branca, descendente, talvez, duma raça morta. Além disso, há certa coisa estranha, até anormal nela, pois Delfino diz que "com certa sombra d'homem de mistura (...) / Coisa não vista, assim era mais bela" (Estrofe 23).

O Velho é o mais misterioso dos três, combinando várias tradições literárias: o Adamastor, o gigante de pedra que Gonçalves Dias criou, e Ahasverus, o judeu errante e eterno do romantismo europeu. Delfino nos revela que o Velho é "a alma do tempo em forma humana", uma "sombra cinco ou seis vèzes miliária", um elemento telúrico e imortal que já presenciou o nascimento e a morte de várias raças e culturas. O poema, devemos acentuar, não vem da mitologia índia, de que Delfino provavelmente sabia muito pouco. Vem do romantismo europeu sim, mas também continua uma tradição infinitamente mais velha, o messianismo dos povos da Ibéria. O Guerreiro e a Virgem são os dois representantes mais perfeitos duma civilização inteira, e o fruto do seu leito poderia ser o escolhido, a única salvação dum mundo em caos. Mas as implacáveis forças da Natureza e a hostilidade dos deuses que as controlam destroem a possibilidade de salvação. Nesse momento ambíguo, antes da chegada dos brancos ou talvez séculos depois do seu desaparecimento (Estrofes 34-35), o Velho chega para também morrer, para "sua missão cumprir, a derradeira: / Chorar na cova de uma raça inteira" (Estrofe 3).

É muito provável que Luís Delfino tivesse planejado amplificar a obra, utilizando a figura do Velho para narrar todo o passado e futuro da América em cantos sem número, produzindo outro mastodonte poético como o *Colombo* de Pôrto-Alegre. Delfino fracassou, felizmente, e nós ficamos com os fragmentos duma visão descascada. Essa visão, porém, basta para fazer a "Epopéia Americana" um documento valioso e altamente sugestivo, uma contribuição importantíssima ao indianismo brasileiro.

A EPOPEIA AMERICANA

(Diz nota antiga estas 7 estrofes referem-se ao Velho. Prepara-se a ação do poema).

1. *As rumorosas vagas sacudidas
Do dorso nu das ermas cordilheiras
As rasas chãs agora não sabidas,
Como grãos d'ouro às brancas ribanceiras
Das águas das montanhas despedidas,
Já crespas só, já crespas e altaneiras,
Misturavam passando em tôda parte
Aos ossos colossais ruínas de arte.*

2. *Tradição grande, palpitante, eterna,
Encarnação do continente imenso,
(A história vive, ensina, e nos governa)
Do abismo secular no abismo extenso
Suspendeu esta mágica lanterna,
Que arranca a noite do seu véu mais denso,
E aclara, e mostra esplêndidas ruínas
Aqui num vale, ali sobre ruínas.*
3. *Sombra cinco ou seis vêzes milhária,
Animada de um sopro, que a eterniza,
Sempre a mesma entre tanta sombra vária,
O velho a eternidade simboliza:
Viú a civilização rudimentária,
Viú a perfeita; agora éle precisa
Sua missão cumprir, a derradeira:
Chorar na cova de uma raça inteira.*
4. *Quando o futuro carregando o arado
Por velhos sítios de florestas virgens
Procurasse a grandeza do passado,
E a história das bellssimas origens
De um povo todo inteiro sepultado,
Neste supulcro, que dois mares cingem,
Que diria de nós, que em pó tão santo
Não pusemos sequer o hino de um pranto.*
5. *Velho filho das terras do Colombo,
Salvarás tu essa arca flutuante?
Trarás o ramo verde, como o pombo
Por terra em flor, e céus em sol errante?
Despenharás do agudo, áspero lombo
Das serranias lápida gigante,
Que tenha à pedra, ou osso, ou bronze, ou tinta
Escrita a história, que à razão não minta?*
6. *Ó Musa das Américas grandiosas,
Dá ao meu plectro um canto sonoro
Cheio de luz, do sol, e odor de rosas,
De murmúrio de rio em vale umbroso,
De vozes de tormentas procelosas,
Das florestas, do mar, do vento iroso,
Que eu tento derramar por tôda terra,
Quanto amou, e sofreu: tudo o que encerra.*
7. *Vós, o índio, a mulher que amo e me alenta,
O amor da grande pátria — a humanidade —
Encher-me-ão esta estrada áspera e lenta
De consólo, esperança e claridade;
E hão-de mostrar que o velho nada inventa,
Que éle é a voz sublime da verdade,
Que quer da raça que acabou ou respira
A vida inteira eternizar na lira.*

(Tradição da Palmeira. O velho observa as tribos do alto dela, reunidas ao longe. A pororoca arrebatava uma mulher).

8. *Colosso armando de potentes asas,
Que em cada uma um furacão coubera,
Trazendo troncos e torrões com casas,
Ilhas com mato, e a flor que o mato geia,
Batendo por milhões campinas rasas,
Lançando ao longe as ilhas que trouxera,
Erguendo o colo, ameaçando o espaço,
Fugia ao mar com hórrido fracasso.*
9. *Por cima da palmeira salvadora,
Serena e esbelta, como em noite estiva,
Antes que chegue a aurora — a virgem loura
Que as rosas da manhã no céu cultiva —
Via passar a serpe ameaçadora
O olhar brilhante, a fronte em calma altiva,
Mas nessa imóvel posição de cobra,
Que ao ver a presa, de cuidados dobra.*
10. *Chegou. — Ruidosamente, horrendamente,
Bem como um mundo em convulsões desperto;
Passou babando espuma de repente,
Como o jaguar ferido no deserto,
Como pegão que fura a selva ingente,
Como raio, que troa e voa, incerto,
Sob a alma do tempo em corpo humano,
Em forma d'água a alma do oceano.*
11. *Essa palmeira parecia filha
Da palmeira dos tempos primitivos,
Que salvou — por estranha maravilha —
Jacaré com seus filhos todos vivos;
Quando Deus, que ergue agora, agora humilha,
Vendo da terra os crimes excessivos,
Segundo a tradição, só deixa inteira
Salvar-se uma família na palmeira.*
12. *Subindo o tronco esbelto... ia subindo
As folhas espalmadas estendendo,
Como a harmonia d'um chilrado lindo
Em noite de luar, n'água gemendo,
Como a taba espreguiça-se dormindo,
Ao pé do rio murmure correndo,
A palmeira subia... e enfim subia,
Como uma trepadeira de harmonia.*
13. *Crescia o tronco, as folhas aumentavam,
O céu perdia o azul formoso e puro,
E as nuvens brancas delas se arredavam,
E o céu ficava imensamente escuro,
E as águas ululando rebramavam
Como um mar, que remorde um seixo duro,
E a coroa da palmeira se espalmava,
E só por dentro dela o sol brilhava.*

14. *Berço de verde e luminoso vime,
Esmeralda tecida em frouxo ninho,
Essa família que passou sem crime,
Tinha as brisas do céu com seu carinho,
A luz do sol, que a cor à vida imprime,
A paz no seu seguro desalinho,
A força e o alento, a fé que dobra o alento,
Se é Deus por nós, e pela barca o vento.*
15. *As tribos do Amazonas congregadas
Viu ele ao longe, sobre um vale ameno:
Velho cacique d'armas implumadas,
Na mão a maça, que dá força ao aceno
E a cor do fogo às frases arrojadas,
Movia mais seguro que sereno:
Um bramia, outro o arco experimentava,
Outro aplaudia o chefe, que falava;*
16. *Aquêle enfia a flecha envenenada
Num beija-flor que mal excede à môsca.
Quando em asas gentis no espaço nada;
Outro, com expressão audaz e tôsca,
Fingia andar na luta ensangüentada;
Outro, irrompendo de uma estranha rôscas
Em que sumira o corpo de repente,
Dava pulas no ar, como serpente.*
17. *As mulheres n'argila trabalhando,
Limando a pedra um pouco já lascada,
Outras as várias tintas misturando,
Outras rindo, outras não fazendo nada,
Outras em danças bárbaras girando,
Mas tôda gente em calma descuidada,
Como um tigre uma paca leva ao dorso,
Vê uma delas, sem menor esforço,*
18. *Sem uma luta, em rápido remoinho
Cair na pororoca, que correra
Como uma cobra que devora um ninho;
Como o fogo que engole uma palmeira
Que era a esbelta princesa do caminho;
Como a igara que cai na cachoeira
Que rola em volta, em volta, e vai a pique...
Quem foi? quem foi? — A filha do cacique.*
19. *Foi de pasmo o primeiro sentimento:
Foi qualquer dêles pedra inanimada
Aquele brusco e temeroso evento:
Foi sobre êles montanha arremessada
Deixando-os sem razão e movimento:
Mas pouco e pouco a mó ergue-se irada,
Bem como o vento agita as selvas tôdas,
E as torna roucas, desgrenhadas, doidas...*

(Continuação da descrição da Virgem nos braços do velho).

20. *Ele atentava silenciosamente
Para os dois seios sólidos, pequenos,
Cheios de luz ainda; e a côr ardente
Dos dois bicos esplêndidos, serenos,
Banhados d'uma sombra saliente
De cabelos finíssimos: terrenos
Raios de estrêla esplendorosa e doce,
Que como em próprio ninho ali deixou-se.*
21. *Entre a separação de peito a peito,
Lá onde os dois irmãos estavam rindo,
E como inda ririam com efeito,
Pois era cada seio o sol mais lindo,
Como na fulva areia de áureo leite
Finos cabelos negros reluzindo,
Traçaram sulco, como a luz de um facho;
E iam crescendo mais e mais a baixo.*
22. *O enduape de penas variadas,
Que o ventre e as coxas todos lhe envolvia
Nos turbilhões das águas balouçadas,
Perdido, ela ficou como se via,
Nua, como as estátuas trabalhadas
Num país, que talvez existiria:
Porém tempo, invasões, distâncias, guerras
Fêz perder a lembrança dessas terras.*
- (O Velho admirando ainda a Morta).
23. *Havia o odor de um novo encanto nela:
Cabeça inteligente e a forma pura
Da mais formosa, indíânica donzela,
Com certa sombra d'homem de mistura;
Coisa não vista, assim era mais bela.
E o velho, dentro dessa pele dura
Que igualara a das onças na aspereza,
Tinha saltos de tigres em braveza.*
24. *Assim no cimo de escavada pedra,
Sobre uma fenda um mal seguro tronco
Prende as raízes: por instantes medra,
Coroa-lhe a fronde da procela o ronco,
O tosco ninho ao pé uma águia engendra;
Cospe-lhe o raio, a flecha, e o ápice bronco
Sacudido estremece, e se esborôa;
O ninho cai, e o tronco: a águia só vôa.*
25. *O pensamento mau o ninho fôra,
Fôra o tronco na rocha montanhosa:
O velho tinha a Eva tentadora,
Tinha o ardente aguilhão d'uma beleza,
Ai! mas a morte desconsoladora
Fizera d'ambos sua inerte prêsã:
Com ela morta, nesse frio horrível,
O crime, o crime mesmo era impossível.*

26. *Nem êle, quando o fogo do guerreiro
Jovem fervendo em áscuas pelo sangue
Para nas mãos erguer um mundo inteiro,
Como o cadáver de um leão exangue,
Sempre a se avantajár, como o primeiro
Na força e luta, nunca ousou um langue,
Mórbido olhar de amor lançar na amante
D'outrem, quanto mais hoje, e nesse instante!*
27. *Era a honra do herói a águia: — O instinto,
Por um momento fraco e subjogado,
O dominou; por turvo labirinto,
Quem se não sente às vèzes revocado?
Cai uma estátua do mais riço plinto.
Encontrar o inimigo encarniçado,
Ter para a luta indómitta coragem,
Vencer — era de herói: foi do selvagem.*
28. *Mas êle fôra o Esquilo do drama,
O Canova de mão prodigiosa,
Que as curvas linhas a cantar derrama
Estrofes pela pedra sonora;
Êle que tem um coração que ama,
E em tudo encontra a lira harmoniosa,
Com tantas cordas, como as tem sua alma,
Onde há amor ardente, e paixão calma.*
29. *Enquanto vai mordendo a água agitada,
Com um pé, e outro pé, que os move a custo,
Em alma de receios eriçada,
Embora em cada braço seu robusto
Haja uma tribo heróica e dedicada,
Treme-lhe o corpo, como leve arbusto:
Se a cobra vem? Se o crocodilo o investef
Ê tão cobarde a cólera celeste!*
30. *Vem como um tigre, ou raio dos espaços,
Como tribo inimiga de improviso,
Quando o homem não tem os seus dois braços,
Prêsos no corpo morto de um sorriso,
Que inda está rindo por seus membros lassos,
Por uns olhos sem luz: hoje é preciso
Ter a estrada com sol, sem cobra o ninho,
Não ter onças em meio do caminho.*
31. *Ia pensando, e ia caminhando:
Mas o poema da mulher defunta
Tinha elegias, e um cantar tão brandol...
Quem vira assim a vida à morte junta
Como ali? O Amazonas murmurando
Parecia fazer-lhe uma pergunta;
E cada vaga que êle esmaga e corta,
Parece que lhe diz: entrega a Morta.*

(O Velho continua a passagem do Amazonas).

32. *A pele... a pele fina e delicada,
Quase branca, brilhava docemente
Da luz do sol apenas afagada,
Como a lagoa branca e transparente,
Sonora, alegre, lúcida, alvejada,
Quando o arari recorta-a de contente,
Sem lhe quebrar a lâmina inteiriça,
Que a luz, num beijo voluptuoso, erica.*
33. *Branca! assim nasce branca a flor mimosa,
A flor do manacó no mesmo galho,
Em que se azula a irmã, não tão formosa.
Cai-lhes do ar o mesmo fresco orvalho,
Doura-lhes ambas a manhã cheirosa
No mesmo berço deu-lhes agasalho
A mesma terra, e ao mesmo sol nutridas;
E ambas ao mesmo sol, e céu floridas.*
34. *Esta era branca. — A cor notável dela
Fazia-a recordar antiga era,
Em que uma raça vigorosa e bela
Mesclar-se à velha raça então viera.
Quando cai nas florestas a procela,
No tempo, em que as visita a primavera,
Enquanto pelo mato as outras florem,
As flôres brancas vão vaindo, e morrem.*
35. *Cravava à natal língua a língua estranha:
Muitas palavras novas, que não tinha,
Quando pela esplanada da montanha
O povo novo conquistar-nos vinha,
Apesar da distância ser tamanha
Nas nossas longas tradições se aninha,
Como nos seios de uma grande história,
Dias de luta, e sangue, e queda, e glória.*
36. *Seria esta mulher daquela raça?
Naquela fronte de um orgulho inato,
Busca a morte dormir com tanta graça,
Lago branco a tremer, como um ragato,
Por onde um bando de marrecas passa,
Quando para dormir procura o mato,
E passa o bando, e fica o lago, e dorme,
Onde tomba, e ressona a sombra enorme.*
37. *Chegam assim do grande rio à margem,
Com tardo e lento, mas seguro passo,
Todo embebido na esplendente imagem,
Levantado o ideal de cada traço,
E buscando as belezas na passagem
Da Virgem morta, que levava ao braço,
E deixa, não sem dor, cair do peito,
Enquanto corre, e vai fazer-lhe um leito.*

38. *Pára um momento. — Sôbre a pedra lisa,
Descoroada da fronde por um raio,
— Talvez um raio — o sol prodigaliza
Sôbre a morta, num lânguido desmaio
Quanta luz pôde dar, doce, indecisa,
Sonolenta. — O que viu? Interrogai-o:
Um outro sol no seu cabelo loiro,
Sombrio, como a entranha de um tesouro.*
39. *Suspirou. — Está morta, e é bela ainda.
Tira da cinta a arma aciculada
De pedra, e a estribe, e cai a palma lnda
Uma sôbre outra, à roda amontoada.
Estribe, estribe... A faina não é finda:
A cama dela deve ser formada
De quanta flor pelo silvado ferveilha,
De quanta baga prende de baunilha...*

(Logo que o velho deixa a mulher sôbre a pedra, e antes de ir colher no mato as fôlhas para o leito dela).

40. *Olha para o cadáver, e estremece:
Um ponto negro, um ponto só manchava
O fundo róseo-azul do céu: conhece
A ave negra e feroz, que esvoaçava
Já sôbre a prêsa, e o olhar se lhe entristece,
Não por si, pelo corpo que ali 'stava:
Rugido d'onças nos brenhais o espanta,
E o crocodilo, e a cobra, e o esquillo, e a anta.*
41. *Olhos alongam em tórno: a fraga apanha
Da riba; achou-a preparada em maça
Rojada do espinhaço da montanha
Pela torrente, que bramindo passa.
Foíce de pedra à terra desentranha,
Que ali deixou, um dia andando à caça,
Que lhe servira a derribar o espinho,
E a rasgar pelas selvas o caminho.*
42. *Riram-se as rugas pela face adusta,
Requesimada do sol do velho atleta,
E a maça enorme numa mão robusta,
E a foíce noutra, a placidez inquieta
Ao seu bárbaro e calmo olhar se ajusta;
Olha p'ra o céu, e diz: falta-me a seta:
Mas ail da fera, que rugindo passa,
Se estendo a mão, e a mão carrega a maça!...*
43. *As gigantescas árvores arjando
Dobravam lentamente a fronde imensa,
A sombra colossal desenrolando
Pelas charnecas da planície extensa:
Retalhavam o céu, mil voltas dando
Bandos d'aves; a luz do sol não densa
Deluía-se mais e mais, e o vento
Soprava mórno, perfumado, lento.*

44. *Como a cauda de um tigre golpeado,
Que cai, e se ergue sôbre as quatro patas,
E cai de novo com violência e irado,
Mordendo os troncos, lacerando as matas
E o olhar, e a bôca, e o corpo ensangüentado,
Lançando ao ar as garras insensatas,
Já com o sono da morte enfim na frente,
O sol morria além pelo horizonte.*
45. *Pelos juncais do rio doidejantes
Milhões de môscas de uma luz verdentia
Vão pontilhando as roupas palpitantes,
Que ao sol, que aos poucos cai, a noite aumenta.
Rondam sombras de aspérrimos gigantes
Dentro da selva fria, e sonolenta:
Rompem a sombra, que a salteia, e infesta,
Crebros golpes no dorso da floresta.*

(Deitada a morta por sôbre a pedra, começam a vir pássaros, e outros animais, uns que a espertam, outros que voam sôbre ela).

46. *Tiriri... Tiriri. Um longo bando
De tiriris pousando na mangueira,
Parecia chamar aos mais cantando:
Como uma larga nuvem passageira
Chusma de urubutingas desatando
Asas cinzentas, gralham na carreira,
E a rubra côr do colo misturando
A côr prêta dos pés e cauda curta,
Voam ao bosque, que da vista os furta.*
47. *Os pequenos sagüins de côr de prata,
Negras guaribas, papa-ocas brancos
Surgem saltando dos sertões da mata,
Com a longa cauda sacudindo os flancos:
Samaratinga de cabeça chata,
Já coleando, já formando arrancos,
De anéis verdes a pele semeada,
Se enrola à pedra, em que ela está deitada.*
48. *Entre dois grossos troncos seculares,
Que as lianas apertam nos seus braços
Macios, como azuis ondas dos mares,
Mas fortes na brandura dos seus laços,
Com chamejantes olhos singulares
De um guaipussá, que baba dos espaços,
A longa cauda fica em rósea prende,
E a língua rubra em farpa aguda estende.*

(Descrição da Virgem, morta por sôbre a pedra, começam a vir pássaros, etc.).

49. *Estremecera a entranha da floresta:
Que aroma doce, que sutil perfume
Safa dela para pôr em festa
Esse espantoso e lóbrego cardume...
Em breve nos sertões já nada resta:
Calmo o índio viu tudo; e erguia um lume
Da rocha em tórno, só por que não deras,
Virgem linda, um real banquete às feras.*

(O Velho preparando uma espécie de embalsamento).

50. *Óleos, resinas, em que o solo abunda,
Suco de plantas de suave aroma,
Em seu saber e prática fecunda
O velho junta, e junta a tudo a goma
Balsâmica, com que o corpo inunda
Da Morta, e um certo tom de vida torna,
Como fazer aos mortos é costume
Na Ásia, a pátria da luz e do perfume.*
51. *Depois entre os seus dedos triturando
Pequeno verme de sabida planta,
Que em suas mãos reúne um licor brando,
Que a côr da aurora em maciez suplanta
A rósea flor da vida vai deixando
No rosto dela com verdade tanta,
Que parece dormir assim, que existe
Môrbidamente alegre, alegre e triste.*
52. *A cama é feita: o leito está coberto,
Mole, suave, perfumoso, e belo:
Que mão assim fez outro no deserto?
Falta... E nisto, pintada de amarelo
Onça, que ele não vira ali por perto
Investe-o; e ele assim como um camartelo,
A maçã vibra, e diz, prostrando-a imbele:
Faltava ao leito a setinosa pele.*
53. *Inda estendida, os descerrados dentes
Estão batendo, em tórno ameaçando;
As garras hirtas, róseas, reluzentes;
Cruzam-se as patas, como inda agarrando;
Os olhos rubros, já sem luz mas quentes,
Olham, como quem sonha, ou 'stá cismando;
Da frente, um corpo mole, e sangue escorre:
Ergue-se, treme, cai... voltou-se, morre.*

(O velho Pagé, depois de morta a onça, volta à pedra.
Admiração da peregrina formosura).

54. *Um ser à parte, suspirando disse:
Delgada e forte: uns tons de láctea opala
Em véus ligeiros de ouro; ar de ledice
Sobre bôca de morta, que não fala;
Mel de jatá, que alguém talvez cobrisse
Com leite branca, gerando a casca estala
Da seringueira aos golpes do machado,
E deixa o chão de espumas prateado.*
55. *Rosto comprido, fino, gracioso,
Olhos grandes rasgados, como taça
Cada um de lagoa no repouso,
Turvada pela rêde de fumaca,
Que embala o fogo perto e descuidoso...
Na frente inteligente inda que graça:
Nos lábios paira um riso desenhado,
Como à margem do rio o inni puzado.*

56. *São dois arcos vibrados levemente
As sobranceiras: duas asazinhas,
Que se não tocam: não freme: se sente
Agora, como dantes: as marinhas
Louras praias na curva resplendente,
Que se enfeitam de rútilas conchinhas,
Não se dobram com mais gentil docura
Tendo o encanto do arco e da planura.*
57. *Nas amplas praias de alvejante areia
Ele encontrara conchas encarnadas
Cheias de água, que aos raios bruzuleia
Das sorridentes, puras madrugadas,
Cada orelha gentil, sem nambibeia,
Nas ambas, da luz do sol lavadas
Tinham a macieza dos arminhos,
O alvor do leite, e a pequenez dos ninhos.*
58. *Tudo que voa, tudo que cintila,
Que é gracioso, leve, transparente,
Condor branco por curva, que se anila,
Lírio, que bebe, e treme na corrente,
A juriti, que murmura se exila,
Onde a mata anda em flor cheirosa e quente,
A flor vermelha, a branca flor do cacto,
A luz, que dança em cima do regato;*
59. *Nuvem, que aurora beija, e ao beijo a esgarça,
A garridice alegre da canoa,
Que, como pelo céu azul a garça,
N'água azul a ondular ligeira voa:
Marreca em rio, tendo ao lado a sarça,
Que enquanto a brisa trépida resoa,
Com o bico rubro o verde manto corta...
Tudo havia nos pés da virgem morta...*
60. *Mas... o que o pagé velho admirava
Sobretudo na morta formosura,
Era a penugem d'ouro, que brilhava,
Como os raios de um rastro, que fulgura.
Em todo o corpo: o seio se coroava
De uma mecha finíssima e tão pura,
E tão longa, que a sombra que desata,
Era um beijo do sol manchando a nata.*
61. *Em tórno ao umbigo, cicatriz mimosa,
Que apenas enrugava a pele, e tinha
A depressão da concha côr de rosa.
O cabelo crescia, e logo vinha
Mais largo e farto em franje setinosa
Perder-se numa nuvem, que continha
A luz, que irradiava ali defronte,
Enquanto o sol se perde atrás de um monte.*

62. *Oh! que mulher!... Nas vastas correrias
Do sol ao norte, em todo o continente
Americano, em seus imensos dias
Vividos grande, farta, e longamente
Não vira igual: nas tribos erradias
Pelas pampas do sul, na branca gente
Dos impérios do centro, formosura
Igual não viu: na mente em vão procura.*

63. *O coração do velho apaixonado
Pela forma acordava impetuoso:
Assim o sulco d'água escorregado
Por vale escuso, em lânguido repouso,
Onde se espelha o céu iluminado,
Se a chuva cai, e o vento sopra irroso,
Levanta o dorso, brama, engrossa, ulula,
E, como o tigre golpeado, pula...*

(Terminado o ato da colocação da Virgem morta no leito de fôlhas,
o sabiá canta. — Descrição).

64. *Nesse momento a calma era completa,
Impenetrável, dura: — parecia,
Como um rochedo, que nas mãos do atleta
Ao contínuo malhar não cederia.
Mais eis, que como sonora seta,
Como raio de estrêla, que se enfia,
Ferindo aquela imensa calma, — raia
Um canto... Oh! canta o sabiá da praia.*

65. *Parecia voar todo em retalhos
O manto do silêncio incendiado,
Como um milhão de rútilos orvalhos,
Pingos de luz de um mundo desmanchado
Em outros mundos, soltam-se dos galhos
Do ipê gigante, ereto, dourado
Já pelo extremo adeus do sol, que dorme
Do leito em sangue sôbre a pele enorme:*

66. *A natureza... a bela natureza
Americana, esplêndida, enterrada
À meia sombra, à sombra da devesa
Naquela hora, hora tétrica e magoada,
Que convidava à plácida tristeza,
Nem parecia arfar de subjugada:
Meio acordada no seu grande leito,
Entre angústia e prazer, calma e respeito,*

67. *Sentia o jugo do suave canto
Premer-lhe a entranha: soluçava a espaços
Nos hombros verdes solto o negro manto,
Desafrouzados pela sombra os braços...
A floresta tremia, arjava ao encanto
Daquela voz; e os enervados, lassos
Troncos, e as fragas duras se penduram,
Para aprendê-lo, e baixo inda o murmuram.*

68. *Cortava largamente desfiando,
Como um bando de mundos luminosos,
As notas cristalinas, entornando,
Como aromas de vasos preciosos,
Como raios de olhar macio e brando,
Como soluços de paixão ruidosos,
Como gritos de paz e de alegria
O sonoro país, que o azul fendia.*
69. *Agora vai caindo lentamente,
Como um fogo, que vai morrendo aos poucos;
Levanta-se de novo um grito ingente:
Desgrenhados, vibrantes, fortes, loucos,
Ferindo, como maça em mão potente,
Sucedem-se; são ventos; mais, são roucos
Duros tufões no dorso da tormenta...
Chove, relampagueia, estronda, venta...*
70. *Caiu: é brisa: mais e mais; já chora,
É plangente harmonia: a nota abarca
O universo da dor humana: agora
Pára: esta parada é doce: marca
Um estádio, um ponto, um sonho; um' hora.
Hora para sonhar, desliza: a barca
Da existência aos relâmpagos dormita.
A nota volta, límpida, infinita,*
71. *Alegre: pica o espaço de volatas;
Há rendilhado: os berços dos amantes
Balancam-se nas rédes pelas matas:
Cantam, rangendo os braços odorantes
Das acácias gentis; rugem cascatas
Pequeninas, festivas, saltitantes,
Levantando os lençóis de nenúfares:
Ninhos inteiros chilram pelos ares...*
72. *Ninhos inteiros: ouvem-se os cantores
De toda selva orquestrizando: é uma
A voz; e essa contém todas as côres,
Todos os tons das outras: brinca, espuma,
Salteia, vibra, afina-se, a supores
Que toda a selva americana em suma
Meteu naquele pequenino bico
A alma do sol, que a anima, e é tão rico.*
73. *Mas a expressão do seu último grito,
A nota apaixonada, a mais vibrante,
Esse arranco, que sai de um peito aflito,
Que sabe aquele só, que tem a amante
Que ama em segredo, a quem jamais tem dito
Que ama, e não pode um dia, um' hora, um instante
Dizer-lhe, amo-te, embora aos pés lhe caia
Morto, se ao ouvi-lo a amante um riso ensaia...*

74. *Essa nota tristíssima, apurada
Foi seu último adeus. — Quem há notá-la?
Como uma estrela pelo azul vibrada,
Fremendo, que parece até que fala,
Foi lágrima da luz do sol banhada,
Foi riso, que também lágrima exala,
Teve o perfume e a dor duma saudade,
Deixou a arfar, ao ouvi-lo, a imensidade...*
75. *Não noite inda, e não dia, a luz tremente
Da tarde, que fenece, uma sangueira
De luz babava os montes do ocidente:
Delgada, em curva esplêndida e ligeira,
Como um arco de branco rosto ausente
Sob um manto de névoa passageira,
Qual rede de algodão, em que flutua
O pequeno tupi, — nascia a lua. —*
76. *Estátua de uma pedra luzidia,
Que o tempo com seus passos esmagasse,
E onde a vegetação cresce sombria,
Uma tristeza enorme pela face
Do velho chefe lúgubre escorria.
Se houve alguém na mata, que acordasse,
À quem tão fundo dorme?... Arfa-lhe o peito,
Fôra de um noivo o perfumado leito.*
77. *Suspira, e diz: Melhor é ser da morte!...
E olha o seu rosto ali no espelho d'água,
Que perto está... o braço, o braço é forte
Mas o rosto... e um gemido houve de mágoa,
De dor, acaso de ciúme: o porte,
Já de alquebrado pela estranha frágua,
Dobrou, como a palmeira cai partida
Pelo raio: porém chama-o à vida*
78. *Rumor imenso: a selva retalhada
De luz, que oscila; o músico instrumento
Por centenas de mãos acompanhado,
Acorda a solidão; pensa um momento...
As tribos, — diz: um rio despenhado,
Que engrossa a chuva, e que sacode o vento,
Procuram-na: acharão. — Achar que importa?
Quem pode agora despertar a morta?*
79. *Tufão, ou raio, ou queda de corrente
Dos Andes pela encosta pedregosa,
Descalvada, a silvar, como serpente,
Que bate a cauda em chama jagulhosa,
Lúgubre, imensa, horrenda, de repente
Assoma a face túmida e chorosa
De um índio jovem, cuja alta coragem
Era lenda na América selvagem.*

(Balva do índio guerreiro — cena da flecha, visões, terror).

80. *Era tremendo o aspecto do guerreiro,
Fantástico, grandioso, enorme!... O abismo
E a sombra, a queda e o despenhadeiro,
O raio e o estrondo, o mar num paroxismo
De angústia e de blasfemia, — o verdadeiro
Tom dêsse aspecto cheio de heroísmo
E bravura emprestavam-lhe; e os horrores
Da treva soluçando em suas dores,*
81. *Faziam d'êle um Ser à parte, estranho,
Vertiginoso, colossal: saltavam
Serpes dos olhos de fulgor tamanho,
Que as várias tribos pasmas enroscavam,
E as faziam tremer, como um rebanho
Imbêle e vil, que as onças atacavam;
Parecia um pampeiro equilibrado,
Que iria desabar: um grande brado,*
82. *Um rugido do mar paira-a em tórno
De um vagalhão; a cauda da tormenta
Êle agarrava às suas mãos, e mórno
E lóbrego ostentava essa opulenta
Messe de raios, que é diadema e adórno
Da procela, que ruga e não rebenta
Por cima do espinhaço da montanha:
Encarnava-se nêle a horrenda sanha.*
83. *Dos maracás das tabas do universo,
Por que não vinham elas levantadas
Contra si, por um deus ímpio e adverso
Conduzidas? — Por que desencadeadas
As flechas das montanhas, o perverso,
O invisível Tupan, as mãos armadas,
Gotejando de estrélas, esmagá-lo
Precipite não vinha? — O céu é um valo,*
84. *Que não transpõe ninguém: mora o covarde,
Onde não vão as asas dos condores,
Onde não chega o sol, e túbio arde
Frouzamente seu lume; onde os rumores
Não vozeiam do oceano; e a medo, e tarde
Cuspindo o azul de vermes multicores,
Atrás de uma estacada de alabastros,
Mostra um só dedo, em que fervilham astros.*
85. *A indômita bravura espadanava,
Como um rio que encontra um monte em frente,
Recuando bramia e se alteava
Espumosa roncando, e aos brancos dentes
O ar em vão mordía e retalhava.
Tinha as roscas convulsas da serpente,
Tinha os rugidos temerosos da anta,
Quando a flecha, que a fere, a não suplanta.*

86. *O canitar de penas encarnadas*
Não levava à cabeça: o enduape lindo
Não lhe cingia os rins, as implumadas
Flechas não iam do carcás fugindo
Por cima dos seus ombros: levantadas
As duas mãos, bem como quem brandindo
Um colosso, — mostrava no semblante
A atitude esmagada de um gigante.
87. *Perdera tôdas numa só batalha!...*
Assim arranca o vento ao ipê as flôres,
Mas ninguém vê a bôca, que farfalha,
E acumula no sôpro os seus horrores;
A taba rue, o incêndio ateia a palha;
Riscam o céu os pálidos fulgores
De sinistras visões; — transborda o rio...
Quem foi? E o olhar golpeava o céu — sombrio.
88. *No chão deitou-se: e a tribo o viu pasmada!*
Tirando às mãos o arco do vizinho
E a flecha fina, dura, enorme, ervada,
Como quem vai buscar no próprio ninho
Das nuvens, a águia branca equilibrada,
Vibrou-a: ouviu-se um ronco, um murmurinho;
Voava a flecha: e como quem observa,
No arco os pés, na corda as mãos conserva.
89. *Tomá-la ia Anhangá? — Furando os ares,*
Perdeu-se na amplidão profunda, imensa!...
E éle arrojando os túrbidos olhares,
Como um atleta em ato de defesa,
Buscava ver da copa dos palmares,
Ou mais além da vastidão extensa,
Mutilado de um pé, cego de um olho,
Cair Tupão do céu n'algum escolho.
90. *E azulava-se o céu plácidamente:*
Sôbre a brasa das asas coruscantes,
E os flocos rubros de algodão errantes,
Como rubras araras na corrente
Sôbre a brasa das asas coruscantes,
Pareciam grasnar no sangue quente
De um deus golpeado às suas mãos possantes...
E iam passando lentas no horizonte...
E o deus ferido não mostrava a frente!
91. *Mas entre as várias formas, que tomando*
As nuvens vão no ocaso radiante,
Com dois olhos ardendo e flamejando
Avulta um veado branco, doidejante,
Já sôbre os pés deitado, já voando;
Do pêlo a alvura é fina e deslumbrante:
E como o sangue sai das veias rôtas...
Dos olhos sai-lhe sangue vivo em gôtas...

92. — *Anhangá!... — Clama o índio em pé de um salto,
Deixando o arco pelo chão deitado,
Como se um monte de repente falto
Aos pés, o corpo vira arremessado
Do viso enorme, ou de lugar mais alto,
E inopinadamente despenhado,
Fôsse a frente bater n'algum penedo!...
Por vez primeira o índio enfim tem medo!...*
93. *Mas Guaraci vê sombra, e não um vulto;
Não o corpo de um deus, que o fere: ah! visse,
Visse êle o deus... o deus pedira indulto
Ao seu braço; êsse deus fôra meiguice,
Cobardia, terror, piedade, culto
À sua força insólita: dormisse,
Como dorme o oceano, o ódio em su'alma,
E êle veria, de quem fôra a palma...*
94. *A palma do triunfo no terreiro,
A palma do combate frente a frente,
Corpo a corpo: o tacape do guerreiro,
E o tacape do deus onipotente...
Havia o deus de mim recuar primeiro,
Cair vencido, em sangue, de repente.
Quem foi, que ousou arrebatá-me a espôsa?
Ousou Tupã? Que deus ousou? Quem ousa?*
95. *A força! a força! Que lhe presta a força
A final. Contra aquela cobardia?
Estar ali, como ferida corça,
Ou como palha seca e fugidia,
Que sobe e cai: por mais que ela se torça
Com vaivéns a subir, não subiria...
Ela está morta: quem ma ressuscita?
Dou-lhe a terra, que minha raça habita.*
96. *E olhava tudo em tórno silencioso...
Como a pantera, que da fuma espia
A caça amada, prelibando o gôzo,
Que igual caça lhe deu, e esta daria;
Era terrível mesmo no repouso,
Sim! mais terrível, quando emudecia:
Era uma catadupa prisioneira,
Que irrompendo, alagara a terra inteira.*
97. *Não compreendia tanta iniquidade
Dos deuses ante tanta formosura.
Seria tudo então fatalidade?
De que servia o ânimo e a bravura?
Pois se qualquer estulta divindade,
Oculta como um verme na espessura,
Podia tudo e mais, inconsciente,
Podia tudo indiferentemente?*

98. *E andava inquieto d'um para outro lado,
Dando gritos de alarma e de comando,
E brandia o tacape enorme, irado,
E parava de chôfre o miserando,
Como se visse um mundo subterrado
Sem mais ninguém para vencer, ficando
Só no campo deserto, triunfante
No terreiro, sem mais ninguém adiante.*
99. *Tudo acabara então? Já não havia
Amigos e inimigos sobre a terra?
Onde parar toda esta terra iria?
Não há mais tabas, e não há mais guerra!
Mesmo a atmosfera azuleja 'sta tão fria!
Que astro sem luz por estas curvas erra?
Ou morri eu? P'ra o morto é tudo extinto:
Não vejo nada mais; mais nada sinto.*
100. *Sua o boré. O músico instrumento
Quem o tocou? quem viu? Naquele instante
Fôra como o aftar súbito de um vento.
Ninguém soube quem foi: o eco vibrante
Estrelou como um sol no firmamento,
Deu vida a um mundo opaco e vacilante;
E o próprio chefe, como que descia
Das trevas em que andava à luz do dia,*
101. *Pensou. — A consciência combalida
Por uma aluvião de idéias, era
Agora despertada pela vida
Antiga... Nele dominara a fera,
A fera, que há nos homens escondida:
Rugiu. — Quem nôvo alento à alma lhe dera,
A poder resistir a êsse excessivo
Mal... o maior que pode enleiar um vivo...*
102. *Iludia-se o índio. A mocidade,
O ardor bélico antigo, o uso do braço,
A rigidez dos músculos, vontade,
Brio, costume de vencer o espaço,
Prazer do triunfo, enfim celeridade,
Em ir, em vir sem freias e embaraço,
O orgulho de não ser jamais vencido,
Da vida o gôzo nunca interrompido*
103. *Deram-lhe à dor impulso extraordinário:
Pensava agora em libertar-se dela,
Como de um vil, e estranho adversário...
Voltando os olhos, vendo-a inda tão bela,
Tão bela e morta, o índio é visionário;
Fria... tão fria, a vista aflita nela
Procurava por toda a parte aonde
O deus que a fere e que o feria se esconde.*

(A tribo chorando a morta).

104. *Nenhuma melancólica linguagem
Juntara ao rouco som o som mais brando,
Como o da tribo lúgubre selvagem
Sua princesa morta ali chorando:
O gesto era expressivo, e forte a imagem
Dês que os ecos das selvas acordando
Com choro, como a chuva nos palmares,
Fazia o choro recordar dos mares.*
105. *Vento, que ulula em brenha temeroso,
O que por cima dos silvais farfalha
Ora brando e mais brando, ora em repouso,
E o vento, que entra em rígida batalha
Contra o tronco titânico e alteroso,
E os cem braços mordendo atrôa, e o esgalha,
Deixando os rotos, seculares braços
Caidos para sempre dos espaços;*
106. *Não tinha o canto mais feroz e doce,
Nem mais cheio de angústia e de ternura,
Como se acaso temperado fôsse
Com mel, que a jataí tem na espessura
Ou com o ronco feroz, que o jaguar trouxe,
Quando, ao latir dos cães, que em vão procura
Salta, ardendo vulcões dos cavos olhos,
Por troncos, seixos, matagais, escolhos.*
107. *De vale em vale se despenha o grito,
Como torrente temerosa e vasta,
Que irrompendo das fauces do infinito
Agora sobe, agora cai, se arrasta
Logo na relva, logo no granito,
E tudo quanto encontra adiante afasta,
E na floresta enorme, que adormece,
Do seu curso meter o horror, parece.*
108. *Dir-se-ia em pranto andar nessas endechas
As almas tôdas dos heróis amantes,
Ensofando-as de lágrimas e queixas,
Desconsoladas, lóbregas, errantes.
Tufão que o ar ferindo com as madeiras
Nelas prendeu fantasmas de gigantes,
O som da maçã enorme despertado
Sobre um crânio, que cai despedaçado...*
109. *E até o riso da mulher formosa
Olhando o corpo nu no espelho d'água,
E o chilar de criança bulicosa,
E o soluço tristíssimo da mágoa,
Faz a torrente grossa e majestosa,
Que unida corre, e funde-se, e desagua
Num só grito feroz de desespero,
Que parece inundar o mundo inteiro.*

110. *O môço estava lânguido e tranquilo,
O olhar fundido no cadáver mudo;
Só êle não cantava, e via aquilo,
Como se nada visse, ou visse tudo:
Imóvel, como à praia o crocodilo
Dentro do seu enorme casco rudo,
Confiando das garras navalhadas
Horas, à doce luz do sol logradas.*
111. *Não chorava: rugia baixo e baixo,
Como o jaguar caído na forquilha,
Em cada olhar um fumarento facho,
Que entre névoas ou dorme, ou treme, ou brilha:
Ia fervendo pelo rosto abaixo
O suor copioso, que fervilha
No seu semblante esplêndido e bizarro,
Como o fogo, que luz, cozendo o barro.*
112. *Era d'alta estatura: a fronte larga,
Olhos do lado extremo alevantados,
A boca grande, forte, austera, amarga,
Pernas compridas, braços alongados,
Hombros afeitos à pesada carga,
Peitos aos duros golpes preparados,
E uma nobreza em tôda essa figura,
Que a própria dor enchia de doçura.*
113. *As velhas dando em tórno da fogueira
Feita de sêcos toros de arvoredo,
Voltas e voltas, vão de maneira
Cozendo o barro, e derramando o mêdo
Com tão sinistra e rouca choradeira
Uma com outras, como num sêgrêdo,
Embrulhadas na luz amarelenta,
Que era como um cair de chuva lenta.*
114. *Os velhos magros, rispídos, sisudos,
De pouca barba, e muitas cicatrizes,
Preparavam as várias tintas, mudos,
Para fazer as côres, e os matizes,
E esculturar os seus emblemas rudos,
Tirando sumo às fôlhas e raízes,
E deixarem no tûmulo de vaso
O lema, que pedia o triste caso.*

(Enquanto os velhos preparam o vaso, o que há pelo terreiro).

115. *Sacos de peles de animais bravios,
Cêstos de vime forte entrelaçados
Com plantas, que colheram junto aos rios,
Cujos prodígios são experimentados,
Cordas de embira, e ossos luzídios
Por artífices práticos moldados,
Guardam lá dentro, e sobretudo o milho
Que tem do sol em cada grão um brilho.*

116. *Outras estão de penas carregadas,
Várias na forma, e várias na grandeza;
As do guará infante avermelhadas,
Que quando velhas mudam de beleza
Antes a bela côr das alvoradas,
Depois as negras notas da tristeza;
Antes luz, cintilar, sol, fogo, aurora,
Noite de escuridão profunda agora.*
117. *Como de tigres de malhadas côres,
Com dentes nas caveiras conservados,
Que dos ombros os índios superiores
Gostam de ter até aos pés lançados,
Como foram terríveis vencedores
Dos animais ferozes atacados
À seta, à maça, à pedra, à corda, ao laço,
E às vêzes peito a peito, e braço a braço.*
118. *Rêdes de corda da taquara enorme,
Que enterra céus a dentro a flecha esguia,
Onde o guerreiro afadigado dorme,
Buscando o alento, que lhe pede o dia
Quando o seu braço o marcará informe,
Que nunca trai a sua valentia,
Para o brandir girar sôbre si mesmo,
E o inimigo fazer cair a êsmo.*

(Os pássaros dançadores: sôbre a Morta).

119. *Vieram logo os pássaros em festa:
Eram cinco formosos dançadores,
Que andam em grupo, e o seio da floresta
Enchem de movimento e resplandores:
Um no meio dos quatro sempre resta
Cantando, e sobe, e desce, e em seus ardores
Os outros vão em círculo passando,
Do que canta o compasso acompanhando.*
120. *Depois, o que no centro estava, veio
Mudar-se aos outros; logo um dêles deixa
O lugar que ocupava, e vai no meio
Guiar a dança; e um novo canto e queixa
Dirige: é nota nova, é novo enleio:
Nenhum, no instante próprio, ouvindo a endeixa
Olvida o vôo: um com outro o alterna;
E é cada vez a música mais terna.*
121. *E vão assim dançando, e vão cantando
Por cima dessa morta formosura,
Ora o vôo subindo, ora baixando
Nm balanço, onde geme uma amargura,
Até que reunidos todos, quando
Vão deixá-la, e partir para a espessura,
Parece, que no seu último adejo,
Pousa um a um da Morta à frente um beijo.*

(O Pagé: Epilogo)

122. *Chama o Pagé: acode o Sacerdote,
Trazendo o maracá sustido ao braço:
Tem majestade no seguro porte;
E é tardo, e firme, e compassado o passo
Como quem pena vai dizer de morte.
Vai cabisbaixo, o olhar vicioso e lasso,
Plumas nos pés, nas mãos, e nos joelhos,
A cara negra, os sobrolhos vermelhos.*
123. *Colar curto de conchas encarnadas,
Colar mais longo de fiados dentes,
E por espáduas largas desdobradas
Pele de tigre negro, as mãos pendentes,
Mostrando ainda as unhas encurvadas,
Finas, agudas, brancas, resplendentes,
E um canitar, que lhe sombreia a cara
Rubro, bem como o sol e como a arara.*
124. *Pára o Pagé: a cova incendiada
Se afunda em cada um olho do guerreiro,
E como lenha em chamas ateadas
Crepita, e lança um sanguinoso cheiro,
A luz como fumo em jatos lançada,
Tem rugidos de tigre carniceiro
Vendo o Pagé ao pé, convulso brada:
Velho Pagé, não descobriste nada...*
125. *Quem sabe? Agora um desmaiado alento
Agora a doce e tímida esperança,
Sopra de ti, como um celeste vento,
Que mal move o teu dedo de criança:
Agora morre, agora lento e lento
A negra noite horrendo à mente avança,
E da descrença o formidável espectro
A alma me assalta, e me espedaça o plectro.*
126. *Adeus meus sonhos, para sempre. Agora
O sol, que iluminava a fantasia,
O rosto d'ouro lânguido descora,
E trança ao colo o manto negro o dia,
O dia, que inda nos teus olhos mora
Porém que para mim já não radia:
Minha alma enchia as vagas da corrente
Bebidas no teu lábio rubro e argente.*
127. *Pobres selvagens, que eu cantava à lira
Num grande canto feito de carinho,
Ai! fugiu de mim já, já não me inspira
Essa, que me ensinou por que caminho
O gênio marcha, e firme os passos gira
Por onde águias e sóis fazem seu ninho.
Sim! para sempre, e só para meu dano
Interrompo o poema americano...*